

ENTRE A PAZ OFICIAL E OS CONFLITOS SECULARES – UMA POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DE SALVADOR A PARTIR DE *TENDA DOS MILAGRES*

Antônio Carlos Monteiro Teixeira Sobrinho¹
Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: tonysobr@hotmail.com

Palavras-chave: *Tenda dos Milagres*. Salvador. Conflito. Resistência.

Início o meu texto da mesma forma que sempre faço quando entro em casa que não a minha, de namorada ou algum amigo de longa data: pedindo licença. É, pois, necessário que eu o faça posto que, entre historiadores, em um encontro destinado a discutir aspectos vinculados a esta disciplina, apresento uma comunicação que, não obstante pertença a uma área próxima, a literatura, e busque, em certos momentos, lançar um olhar histórico sobre a questão a que se debruça, mesmo que de forma pouco eficiente ou condizente com o exercício de um historiador, não é (e nem pode ser) caracterizada como o olhar de um historiador sobre a história. É, antes, o olhar de alguém das Letras sobre uma obra, um romance, e a cidade por ele narrada: Salvador.

Interessa-me, neste trabalho, analisar uma parte da história da Cidade da Bahia que, embora talvez conhecida da maioria dos presentes neste encontro, é, senão negada, obliterada ou diminuída em relevância por aqueles que, responsáveis por lhe escrever uma narrativa oficial, traduzem uma Bahia *apenas* alegre ou harmônica. O que o advérbio subtrai da realidade histórica soteropolitana é, justamente, o que o romance amadiano *Tenda dos Milagres* (1969) desvela: os conflitos seculares que marcam, cotidianamente, as ruas e ladeiras de Salvador e que, não raro, confluem todos ou quase todos para uma questão de imaginário racial.

Meu olhar se volta, então, para a cidade que serve de palco a Pedro Archanjo Ojuobá, herói da população negromestiça, personagem-síntese de personagens históricos, entre eles Manoel Querino e Miguel Santana, Obá Aré n'Ilê Axé Opô Afonjá. Nesta mesma cidade, entretanto, atuam forças antagônicas ao que Ojuobá representa. Tais forças são encabeçadas pelo Professor Nilo Argolo, catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da

¹ Bolsista CAPES.

Bahia, sem dúvida inspirado no médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues, professor da mesma instituição e titular da mesma cátedra; assim como pelo delegado auxiliar Pedrito Gordo, decalcado de Pedro Gordilho, perseguidor de tudo o que pudesse ser considerado como herança negra, em especial o candomblé, na década de 1920. Dos embates entre estes dois lados, representação de séculos de confronto entre negros e brancos, pobres e ricos, adeptos do candomblé e da intolerância cristã, conta a Salvador de *Tenda dos Milagres*, a Salvador da qual quero agora, após o pedido de licença e as devidas apresentações de meus propósitos, falar.

Gostaria, pois, de iniciar verdadeiramente este trabalho lembrando um comercial recente, veiculado pela Rede Bahia, subsidiária local da Rede Globo, há três anos, na esteira das comemorações pelo 458º aniversário da Cidade da Bahia, durante o verão, época propícia à construção de uma imagem positiva da cidade com vistas ao lucro advindo do turismo. A peça publicitária, cujo objeto era a própria cidade e, por extensão, o sistema televisivo que a financiara, tinha a clara intenção de fazer coro ao discurso oficial sobre a cidade ao ressaltar a harmoniosa convivência, o pacifismo das relações entre grupos sociais, a ausência de conflitos mais sérios além daqueles comuns a qualquer grande cidade. Desse modo, enquanto tomadas aéreas da capital ressaltavam suas belezas, seus pontos históricos e turísticos, tais como a Igreja do Bomfim, o Elevador Lacerda ou o pôr-do-sol do Porto da Barra, três atores – um branco, um negro e um indígena, em uma clara alusão ao mito das três raças que comporiam, em sua união, o povo brasileiro – se revezavam em textos elogiosos à cidade. Ao fim, um gesto com as mãos girando em círculos em torno uma da outra simbolizava a conclusão do locutor: “aqui tudo se misturou”. O sorriso aberto e simpático de cada um dos atores dava o tom da cordialidade, da harmonia entre aquele branco, aquele negro e aquele índio, metonímia da cidade.

Recordo este comercial com o único intento de evidenciar que, apesar de anacrônico e politicamente marcado, este tipo de discurso sobre a cidade, esta construção ideológica sobre Salvador com fins a manter as relações sociais imutáveis, este escamoteamento da discussão sobre o racismo soteropolitano e de outras questões que lhe são subseqüentes ou tangenciais, é ainda bastante acionado e repercutido entre a população da capital baiana.

Lecionei durante os últimos quatro anos em um cursinho pré-vestibular voltado para alunos oriundos de escola pública e, ano passado, atuei também como professor em uma escola de classe média alta (para os padrões da região) no interior do estado. No primeiro caso, embora meus alunos, em sua imensa maioria negros, não sendo raro que eles mesmos já tivessem sofrido violências do tipo, sempre que principiávamos discutir questões raciais a

tendência era os discursos de alguns deles penderem para justificar as segregações como casos isolados dentro de um sistema harmônico de convivência. No segundo caso, entre meus alunos do interior, educados com material editado em outro estado e que pouco fazia referência à Bahia, a imagem que nutriam de Salvador era, exatamente, aquela reproduzida pela propaganda supracitada.

Não sendo professor de história, mas de literatura, portanto tendo de cumprir um programa baseado na esfera do literário, encontrei em *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, um material riquíssimo para discutir Salvador e, mais precisamente, para discuti-la no tocante à questão racial em oposição ao discurso que a concebe como uma cidade racialmente bem resolvida.

Eis o ponto em que, vez ou outra, encontro resistência entre colegas meus de trabalho que se voltam para a problematização das mesmas questões que eu: a utilização de Jorge Amado contra o discurso de uma Bahia alegre e harmônica. Sem dúvida, na literatura amadiana há um elogio da Bahia e do povo baiano, não o nego, assim como também não o faço em relação à mestiçagem, tão cara ao autor. Cabem aí, entretanto, duas ressalvas importantes e que justificam a minha escolha por Jorge Amado. A primeira é que há limites para esse elogio. Em momento algum a Bahia é descrita como um paraíso no qual tudo está em ordem, no qual tudo está em seu perfeito lugar; muito pelo contrário. Se é verdade que Amado canta um jeito baiano de ser, amistoso e receptivo, é igualmente verdade que ele também narra um povo que se quer homogêneo no plano discursivo, embora cindido e devassado por suas heterogeneidades, marcado por fortes tensões sociais, religiosas e raciais.

Consequente a essa abordagem, a mestiçagem para o autor, e esta é a minha segunda ressalva, não é máscara sob a qual se planeja dissimular uma situação de conflito ou, muito menos, construção ideológica para alimentar os processos de branqueamento, tão intensos no contexto racial brasileiro. Antes, é uma perspectiva de futuro, nunca uma realidade presente; uma metáfora que se quer revolucionária frente aos projetos de segregação racial que ainda continuam a marcar a história da Bahia. O fio condutor desta mestiçagem amadiana, cuja defesa se dá principalmente em *Tenda dos Milagres*, não é a permanência da produção de não-existência social do negro, ou o branqueamento que lhe é parte importante, mas o seu oposto, como afirma Jeferson Bacelar

Embora sob a premissa da miscigenação harmonizadora, outra é a perspectiva de Jorge Amado: são os dominados (o povo negro-mestiço) que delineiam a correnteza da vida social na Bahia. Eles são a bússola de navegação social dos sobrados e ruas da velha cidade. A sua democracia

racial, afirmadora do negro como principal e preeminente personagem na construção de nosso processo civilizatório aparece como desejo, vontade, premonição na busca por uma sociedade igualitária e sem conflitos (BACELAR, 2001, p. 120).

Outro não é o sentido, por exemplo, da cena que abre o romance *Jubiabá* (1936), primeira obra de Jorge Amado a se voltar especificamente para a população negra da cidade, senão tornar explícito uma tensão racial constante no cotidiano da capital baiana. O que estava em jogo naquela luta de boxe não era um título ou uma vitória tão somente, mas o orgulho de um negro, Antônio Balduíno, que não admitia se deixar inferiorizar para um branco.

Cito *Jubiabá* não sem razão, nem por um simples e leviano gostar da cena supracitada, mas por se tratar de um romance próximo, em relação a sua temática, de *Tenda dos Milagres*. Neste segundo momento, contudo, livre das amarras partidárias, o que se conjuga em uma interpretação da realidade mais flexível do ponto de vista ideológico, Jorge Amado não subordina o conflito racial a um simples embate entre classes, tal como previa a ortodoxia marxista brasileira à época de *Jubiabá*, mas enxerga o fenômeno em todas as suas nuances e em seu cerne: a reprodutibilidade do imaginário racista suportada por uma teoria e por uma prática. Nesse sentido, Rita Olivieri-Godet (2004) afirma:

O texto ativa a memória histórica sobre as componentes africanas da cultura baiana, evidenciando a origem do preconceito, da divisão e da hierarquia sociais. Se hoje podemos afirmar que os africanos civilizaram a cidade do Salvador, *Tenda dos Milagres* lembra-nos a história de repressão e os caminhos difíceis da resistência (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 120).

Desnudar o cotidiano da Bahia, devassar os seus segredos, expor sua realidade. Uma das epígrafes escolhidas por Amado para abrir o romance, um par de versos de Gregório de Matos, anuncia o que está por vim em *Tenda dos Milagres*: “Isto sois, minha Bahia, / Isto passa em vosso burgo” (AMADO, 1971, p. 5). O autor, a partir da apropriação destes versos do Boca do Inferno para introduzir o seu texto, aponta para uma conversa com a própria Bahia como a lhe mostrar o que acontece em seu interior, sob os seus olhos, mas que permanece ignorado: a sociedade fragmentada, racialmente hierarquizada e estruturada de forma a reproduzir indefinidamente esta hierarquia.

É necessário que compreendamos, cada vez mais, que a atual condição em que se encontra grande parte da população negra, assim como seus bens culturais, notadamente o candomblé, pouco valorizados para além dos limites rígidos do folclore, no Brasil e, mais especificamente na Bahia e em sua capital, não é meramente uma herança do sistema

escravocrata, uma permanência residual desse regime em tempos de livre circulação de capitais e mão-de-obra, como alguns discursos ainda insistem em proferir, mas uma situação construída, como já dito anteriormente, por uma teoria e uma prática. Em *Tenda dos Milagres* somos apresentados a ambas.

Local de ensino e aprendizagem de “suspeitas teorias”, no próprio dizer amadiano, a Faculdade de Medicina da Bahia, excetuando-se da generalização o professor Silva Virajá, avesso às idéias racistas adaptadas e recriadas no seio da instituição sob a atuação dos professores Nilo Argolo e Oswaldo Fontes, apresenta-se como o grande centro de teorização sobre as raças. Segundo Jorge Amado

Nos começos do século, a Faculdade de Medicina encontrava-se propícia a receber e a chocar as teorias racistas pois deixara paulatinamente de ser o poderoso centro de estudos médicos fundado por Dom João VI, fonte original do saber científico do Brasil, a primeira casa dos doutores da matéria e da vida, para transformar-se em ninho de sublitteratura, da mais completa e acabada, da mais retórica, balofa e acadêmica, a mais retrógrada. Na grande escola desfraldaram-se então as bandeiras do preconceito e do ódio (AMADO, 1971, p. 169-170).

Nesse sentido, Jorge Amado (1971, p. 169) narra que “em 1904, o professor Nilo Argolo [...] publicou numa revista médica e em separata, a monografia *A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços – o exemplo da Bahia*”. Fora da ficção, em 1899, Nina Rodrigues, já atuando pela Faculdade de Medicina da Bahia, havia publicado um livro sob o título *Mestiçagem, degenerescência e crime*. O conteúdo de ambos os livros, o ficcional e o real, embora evidente pelo título autoexplicativo, expõe uma tese baseada em uma hierarquização racial que configura o branco no topo, como raça e cultura mais elevadas, e o negro no pólo oposto. Abaixo do negro, apenas o mestiço, tipo caracterizado apenas pelo que havia de inerentemente negativo entre as raças que eram sua origem. É interessante notar nesse momento, que Nina Rodrigues (e, por extensão, Nilo Argolo), segundo Andreas Hofbauer (2004, p. 199-206), ao contrário dos entusiastas das *capacidades civilizadoras* do branqueamento como João Baptista Lacerda, via na mestiçagem uma deformação da raça superior e a principal razão do atraso brasileiro como povo. Sua lógica, evidentemente, caminha para a defesa de saídas segregacionistas cujas tentativas de implantação, inclusive em tratados jurídicos, estão devidamente representadas em *Tenda dos Milagres*.

Coube-se à Faculdade de Medicina da Bahia a teorização do racismo, estabelecendo limites e hierarquias entre as raças como um meio de manutenção do *status quo* escravocrata para além da abolição; a prática foi de ampla e irrestrita requisição, devendo-se reservar, no

entanto, especial referência à polícia, sob os cuidados do delegado-auxiliar Pedrito Gordo, e à mídia que lhe dava suporte. Dessa forma, Jorge Amado escreve

[...] a perseguição aos candomblés era natural corolário da pregação racista iniciada na Faculdade e retomada por certos jornais. Pedrito Gordo punha a teoria em prática, produto direto de Nilo Argolo e Oswaldo Fontes, sua lógica consequência (AMADO, 1971, p. 171).

A ambos, Nilo Argolo e Pedrito Gordo, Faculdade de Medicina e Polícia, teoria e prática, cabe a Pedro Archanjo Ojuobá, por motivos, talvez, de sua descendência mítica, erguer-se contra e, igualmente com uma teoria e uma prática próprias, derrotá-los.

Para cada luta, uma arena específica. Contra Nilo Argolo, a própria Faculdade, contra Pedrito Gordo, o ameaçado terreiro de Procópio. Em oposição ao segregacionismo de Nilo Argolo, a defesa ardorosa da mestiçagem, fato consumado e exposto em seus *apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas* que culminou na sua demissão do cargo de bedel, que ocupava há trinta anos, e na aposentadoria do Professor Argolo, envergonhado por chegar a conhecimento público constar em sua árvore genealógica um parente negro, algo que sempre escondeu evitando, inclusive, a utilização do seu outro sobrenome, Araújo.

Contra Pedrito Gordo, o espaço é sagrado e o confronto final se dá no terreiro de Procópio, babalorixá real cuja própria história aponta para uma série de violências sofridas pelos repressores da livre expressão religiosa afro-brasileira. Se Pedrito avança, de um lado, com sua corja de assassinos contra o candomblé, de outro responde Exu, através de Archanjo, seu filho mítico, para chamar Ogum, orixá da guerra. O que daí se desenrola é a fuga desenfreada de Pedrito e o toque dos atabaques ressoando vitoriosos e livres para a dança dos orixás.

Embora vitorioso em ambas as frentes, Archanjo tem plena consciência de que o racismo não se esgotava entre aqueles que ele vencera, mas que ainda imporia uma série de outras batalhas, igualmente duras, posto que apesar de negromestiça, a Bahia e, mais precisamente Salvador, nunca quiseram se aceitar como tal. Dessa forma, Archanjo confia em conversa com seu amigo Fraga Neto, sucessor de Silva Virajá na Faculdade de Medicina.

Ademais, há o seguinte: estamos numa luta, cruel e dura. Veja com que violência querem destruir tudo que nós, negros e mulatos, possuímos, nossos bens, nossa fisionomia. Ainda há pouco tempo, com o delegado Pedrito, ir a um candomblé era um perigo, o cidadão arriscava a liberdade e até a vida. O senhor sabe disso, já conversamos a respeito. Mas, sabe quantos morreram?

Sabe por acaso por que essa violência diminuiu? Não acabou, diminuiu (AMADO, 1971, p. 317).

Não havia acabado e pouco havia diminuído a violência, estava certo Archanjo. Tanto que os seus feitos ficaram restritos a poucos que o conheceram ou viveram a Faculdade de Medicina naquele período. A um completo esquecimento sua obra fora relegada. Resgatada vinte e cinco anos após a morte de Ojuobá, entretanto, por um pesquisador estadunidense, James D. Levenson, teve uma série de características alteradas, bem como uma completa reformulação da biografia de Archanjo, para que pudesse ser aceita como importante para a sociedade brasileira. Todos os seus referenciais negros foram apagados num completo processo de branqueamento. Esse segundo momento da obra, que se passa no ano de 1968, portanto um ano antes da escritura do romance *Tenda dos Milagres* evidencia uma tomada de posição de Jorge Amado em relação à sua cidade, merecedora de elogios, os mais derramados às vezes, mas também de duras e certeiras críticas.

Por tudo quanto apresentado, acredito que o romance *Tenda dos Milagres* tem uma importante contribuição a dar para a compreensão da capital baiana, questionando até que ponto esta propalada mistura é assim tão harmônica e apontando insistentemente contra um pensamento que, se no momento narrado pela obra, era representado pelas teorias raciais e a perseguição policial aos candomblés, atualmente se configura na matança indiscriminada de negros, principalmente crianças e adolescentes, promovida a título de combate ao crime e o silêncio sorridente, para usar feliz expressão de Caetano Veloso em Haiti, da mídia em relação às violências sofridas pelo povo-de-santo, cada vez mais violado em seus espaços sagrados por traficantes, resultando em nada as seguidas denúncias feitas à polícia que antecedem a cada invasão, ou em seus direitos pelo neopentecostalismo intolerante que demoniza tudo que está fora dos estreitos limites do seu pensar o mundo.

Salvador ainda não permite que as páginas de *Tenda dos Milagres* fiquem amarelas.

Referências

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 7. ed. São Paulo: Editora Martins, 1971.

BACELAR, Jeferson. Os imigrantes estrangeiros e negro na Bahia de Jorge Amado. In: _____. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 107-124.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: UNESP, 2006.

OLIVIERI-GODET, Rita. Jorge Amado e a escrita da margem na figuração identitária. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (Orgs.). *Jorge Amado. Leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 111-130.